

*A redução da credibilidade do jornalismo: violência física e moral contra profissionais da imprensa<sup>1</sup>*

Carla CASTELLO BRANCO<sup>2</sup>  
Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo realizar uma leitura comparativa, a partir das agressões sofridas por jornalistas e veículos de comunicação, como perspectiva de análise de matérias que circularam na TV e Internet, em relatórios da Fenaj, Abert e notas da Abraji, nos anos de 2018, 2019 e primeiro semestre de 2020. Este artigo foi organizado em quatro partes. Na primeira parte coleta de dados, a segunda parte com a investigação dos casos, seguindo com análise das ocorrências veiculadas na mídia e finalizando com os casos levados ao júri. A pesquisa apresenta uma inquietação entre diferentes instituições e campos sociais, especialmente a política, o jornalismo e na área jurídica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Televisão, jornalismo; violência; mídia; sociedade.

As agressões aos jornalistas e meios de comunicação têm gerado um efeito devastador na sociedade brasileira. Mas deve-se observar que há uma variedade de formas de agressão; por exemplo, Walter Benjamin (2011, p. 134) distingue tipos de violência, a partir do termo alemão Gewalt, e traz consigo uma miríade de significados a partir da tradução, cuja ambiguidade permite interpretar tanto “violência” quanto “poder”, e explora as divergências que exige uma reflexão acerca da violência contextualizada com agressões físicas e morais. No caso endereçado neste artigo, ataques contra jornalistas e veículos de comunicação são analisados como atentados contra os princípios de transparência e prestação de contas, bem como, contra o direito de opinar e participar de debates públicos, que são inerentes a uma sociedade democrática. Assim como na vida prática cotidiana, em situações não relacionadas à atividade jornalística, quando atos violentos permanecem impunes, fomenta-se a reiteração de repressões semelhantes, o que pode resultar na tentativa de redução da credibilidade e de censura das práticas jornalísticas. Particularmente no caso das agressões (de qualquer tipo) a jornalistas, potencialmente a impunidade gera um forte

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão e Televisualidades, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Curso de Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná, e-mail: [cbranco@uea.edu.br](mailto:cbranco@uea.edu.br)

---

efeito inibidor sobre o exercício da liberdade de expressão, o que faz populares assumirem a posição de agressores com consequências para a democracia. Afinal, uma sociedade que não está bem informada não é plenamente livre.

De acordo com a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), a Associação Brasileira de Empresas de Rádio e Televisão (Abert) e a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) a redução da credibilidade de jornalistas profissionais e veículos de comunicação aumentou em 2019 e 2020. O corpus foi construído por matérias que circularam na TV e internet a partir do ano de 2018 até o primeiro semestre de 2020, sobre agressões a jornalistas e veículos de comunicação. Foram desenvolvidos procedimentos organizacionais que otimizaram e potencializaram as fases da pesquisa em uma análise qualitativa das matérias selecionadas como “principais notícias” do Google, e quantitativa dos relatórios da Fenaj, da Abert e notas da Abraji por meio de pesquisa documental e sistematizada dos conteúdos. O pesquisador é uma peça-chave que analisa os dados a partir de uma relação dinâmica entre o mundo objetivo e a subjetividade. Durante o processo e seus significados, o foco principal é nas abordagens, isto é, um vínculo indissociável entre as fases da pesquisa desde os títulos, subtítulos, palavras-chave, principais temas e desdobramentos, fontes geradoras de informações a fim de aplicar a análise do discurso.

É importante para a compreensão do leitor associar o jornalismo a um campo de estudo que abrange as ciências sociais e o comportamento humano. Portanto, é necessário diferenciar a formação acadêmica da prática amadora. O jornalismo é uma atividade profissional que visa apurar, coletar, investigar com veracidade e exatidão os diferentes fatos para transmitir com periodicidade pelos meios de comunicação. Assim, Marques de Melo (2010), fundamenta as classificações de gêneros do jornalismo no Brasil em sua função informativa, opinativa, interpretativa que visa explicar e utilitária com a finalidade de prestar serviço. A natureza do jornalismo está consubstanciada na apuração e na responsabilidade ética. Para Sobrinho (2007) jornalista é o valor agregado que dá à informação o status de notícia por se tratar de um profissional comprometido com os seus fundamentos.

A pesquisa aborda a temática violência contra jornalistas e veículos de comunicação de forma generalizada ao relacionar todas as mídias que sofreram ataques, com destaque para amostragem dos casos de violência contra os profissionais que atuam em TV.

---

Para se discutir redução de credibilidade do jornalismo, este estudo interpreta os dados mapeados pelas organizações sindicais que apresentaram relatórios sobre violência contra jornalistas e veículos de comunicação. De forma sistematizada, o artigo está dividido em quatro partes: coleta de dados, a segunda parte com a investigação dos casos, seguindo com análise das ocorrências veiculadas na mídia e finalizando com os casos levados ao júri.

### **A emersão da problemática da violência**

Os relatórios da Fenaj e da Abert referentes ao ano de 2019, publicados em 2020, apresentam dados acerca da violência acometida aos veículos de comunicação e a jornalistas. O levantamento destaca que no ano de 2018, três radialistas foram mortos após sofrerem ameaças pela divulgação de denúncias de corrupção e irregularidades envolvendo autoridades públicas e políticos de suas cidades.

Os ataques à liberdade de imprensa foram evidenciados em 2019, em razão da postura frequente do presidente da República, Jair Bolsonaro, a frente do governo civil militarizado que, em ações estratégicas, tenta descredibilizar os veículos de comunicação e os jornalistas.

Destarte, estratégia conforme adotado aqui significa instrumentos para atingir os objetivos, os fins políticos, tanto na guerra como na paz. O uso de estratégias de desinformação e o discurso oficial do chefe do Executivo, com a tentativa de legitimar cada vez mais a crítica a jornalistas e veículos de comunicação estimulam a desconfiança para com o jornalismo, uma forma de terceirizar a repressão. Esta desconfiança se materializa em discursos de ódio, campanhas de difamação e processos judiciais abusivos, que são diretamente promovidos por meio de estratégias muitas vezes camufladas como atos políticos ou incentivados por autoridades públicas das mais altas esferas do Estado. Michel De Certeau chama de estratégia o cálculo ou manipulação das relações de forças

[...] que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças. (CERTEAU, 1998, p. 99)

O fato de haver falta de confiança nas instituições – o que não se liga necessariamente com a falta de pensamento crítico em relação às mesmas – promove uma maior desvalorização acerca das informações por elas produzidas ou disseminadas. Os indivíduos apoiadores do chefe do Executivo tendem a considerar como verídico o teor discursivo realizado por ele. O que pode acontecer, também, com instituições jornalísticas, potencializando assim que as informações e notícias oficiais não detenham tanta legitimidade pública como deveriam ter, o que resulta numa menor distinção entre o que se revela menos ou mais verídico.

Segundo o Relatório Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil, da Fenaj, o número de casos de ataques a veículos de comunicação e a jornalistas em 2019 chegou a 208, um aumento de 54,07% em relação ao ano anterior, quando foram registradas 135 ocorrências. Em um ano de governo, o presidente Jair Bolsonaro, sozinho, foi o responsável por 121 casos (58,17% do total) de ataques. Foram 114 ofensivas genéricas e generalizadas, além de sete casos de agressões diretas a jornalistas.

A maioria dos ataques de Bolsonaro foi feita em divulgações oficiais da Presidência da República (discursos e entrevistas do presidente, transcritos no site do Palácio do Planalto) ou no Twitter oficial de Bolsonaro. Foram 116 casos, já denunciados pela Fenaj em divulgação específica. A esses, somaram-se outros cinco casos de agressões feitas em entrevistas/conversas com jornalistas que não foram reproduzidas no site do Palácio do Planalto.

O levantamento realizado pela Abert registra que, em 2018, três radialistas foram mortos após sofrerem ameaças pela divulgação de denúncias de corrupção e irregularidades envolvendo autoridades públicas e políticos. Além do número geral de casos de violência contra jornalistas e ataques à liberdade de imprensa ter crescido em 2019, dois assassinatos de jornalistas ocorreram entre os meses de maio e junho, em Maricá, na região metropolitana do Rio de Janeiro (RJ).

As tentativas de redução da credibilidade da imprensa constituíram-se na principal ameaça à liberdade de imprensa no Brasil. Essa categoria de violência não consta nos relatórios anteriores das instituições pesquisadas e foi criada em razão da institucionalização dos ataques, por meio do governo Bolsonaro, aos veículos de comunicação e a jornalistas.

Em uma manifestação realizada na Praça dos Três Poderes, no Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, em 2020, jornalistas foram hostilizados e agredidos por militantes políticos apoiadores de Bolsonaro<sup>3</sup>. O repórter fotográfico Orlando Brito (Figura 1), de 70 anos, profissional veterano e premiado no jornalismo foi empurrado por manifestantes. Com 54 anos de profissão e experiência em diversos veículos do país, registrou alguns dos mais importantes episódios da política brasileira, inclusive o período da ditadura militar. Em nota a Abraji evidencia a preocupação de jornalistas ao exercerem a profissão com as credenciais.<sup>4</sup>



Figura 1 – repórter fotográfico Orlando Brito, em manifestação no Dia Mundial da Liberdade de Imprensa antes de ser atacado por apoiadores de Bolsonaro  
Fonte - Metrópole

Segundo Emmanuel Colombié, diretor geral para América Latina da organização internacional Repórteres sem Fronteiras (RSF), algumas novas tendências diretamente relacionadas com o contexto atual influenciaram na deterioração das condições para o livre exercício do jornalismo.

A proliferação de estratégias de desinformação e um discurso público cada vez mais orientado pela crítica à imprensa alavancam a desconfiança para com o jornalismo e os jornalistas. Em 2019, essa desconfiança se materializou sistematicamente em discurso de ódio, campanhas de difamação ou processos judiciais abusivos que têm por efeito estimular a autocensura (ABERT, 2019, )

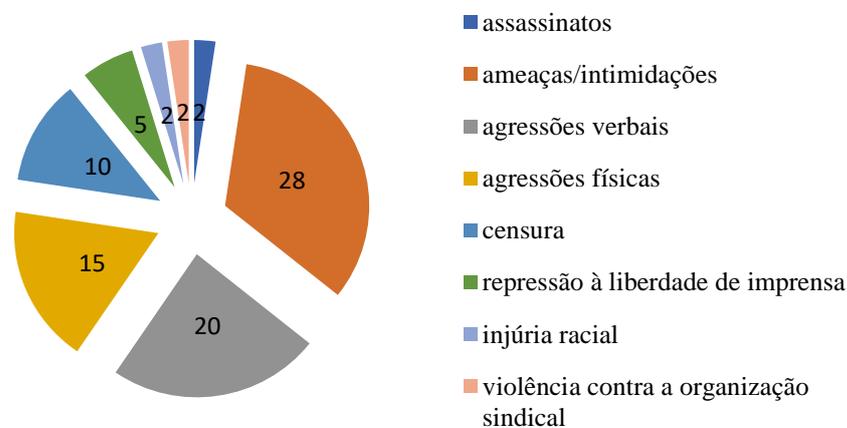
<sup>3</sup> Disponível em <https://www.metropoles.com/brasil/jornalistas-sao-agredidos-com-chutes-e-murros-em-ato-pro-bolsonaro-video>. Acesso em 02 de outubro de 2020.

<sup>4</sup> Disponível em <https://abraji.org.br/agressoes-a-jornalistas-sao-resultado-da-postura-de-bolsonaro>. Acesso em 02 de outubro de 2020.

O Relatório da Fenaj apresenta dois casos de injúria racial acometidos a jornalistas de TV, o caso que repercutiu foi da apresentadora da Rede Globo, Maria Júlia Coutinho, ao ser criticada por um colega de profissão que contabilizou os erros da apresentadora na estreia na bancada do telejornal. A atitude foi considerada por outros jornalistas como racismo, visto que nunca houve crítica semelhante a apresentadores brancos. Outro caso que ganhou notoriedade na mídia foi com um repórter de esportes, vítima de racismo nas dependências de um estádio, durante a cobertura de uma partida de futebol onde recebeu ofensas racistas, como "macaco" e "negro safado".

As agressões físicas que totalizaram 33 ocorrências em 2018, sendo o tipo de violência mais comum naquele ano, foi uma das categorias em que houve diminuição, em comparação aos 15 casos que vitimaram 20 profissionais em 2019. No Relatório da Fenaj, os dados disponíveis evidenciam o total de 94 casos de agressões registrados em nível nacional, conforme apresentados em gráfico de casos de violência contra jornalistas em 2019.

**Gráfico 1 - casos de violência contra jornalistas em 2019**



Fonte: tabulado pela autora a partir dos dados coletados do relatório da violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil – Fenaj 2019

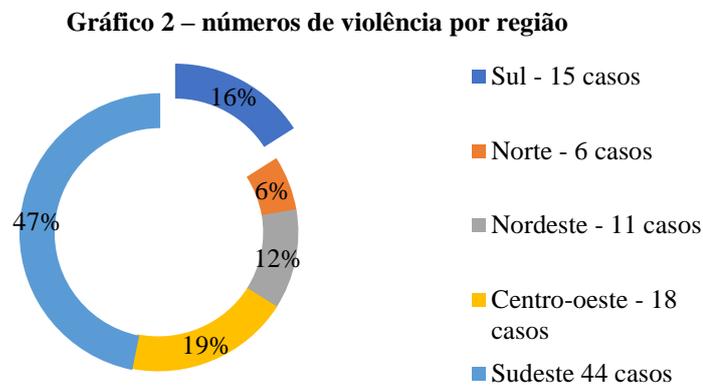
Em relação aos 20 casos de jornalistas agredidos verbalmente, em 2019, o presidente da República, Jair Bolsonaro, foi responsável por cinco agressões diretas em pronunciamentos oficiais da Presidência da República. Dos apontados na estatística, 15 casos, têm como principais autores os políticos e pessoas ligadas a eles.

A região Centro-oeste do país registra a maioria dos casos (11), com maior concentração em Brasília (DF), seguidos de quatro na região Sudeste, quatro no

Nordeste e um caso no Sul. Os ataques também foram proferidos por ouvintes e telespectadores a apresentadores e repórteres. Além de palavras depreciativas, de baixo calão, com intuito de desacreditizar os profissionais, alguns xingamentos tiveram caráter homofóbico.

As eleições presidenciais de 2018 mostraram um cenário de polarização política e o uso indiscriminado e deliberado de estratégia eleitoral manipulativa. A partir do primeiro ano de governo, Bolsonaro e seus apoiadores proferiram uma série de ataques e ameaças a jornalistas e veículos de comunicação.

O gráfico a seguir destaca todos os casos registrados por região em 2019, de violência contra veículos de comunicação e jornalistas.



Fonte: tabulado pela autora a partir dos dados coletados do relatório da violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil – Fenaj 2019

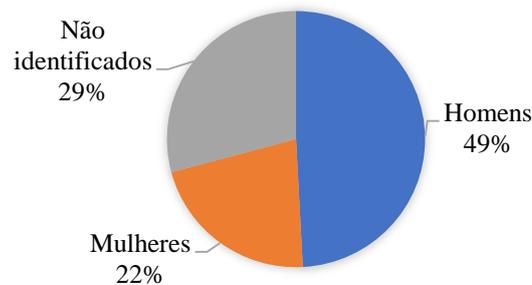
Os relatórios, ainda, identificam os casos por gênero, onde os jornalistas do sexo masculino são maioria entre as vítimas de violência em decorrência do exercício profissional. Este mapeamento registra desde a década de 1990 que a violência contra homens é superior. Em 2019 o total de vítimas alcançou 59 jornalistas do sexo masculino, ou seja, 49,16% do total.

Entre as mulheres, 26 (21,67%) foram vítimas de algum tipo de agressão. A jornalista Luiza Bodenmüller foi atacada no Twitter, no dia 26 de setembro de 2020, quando dois parlamentares compartilharam em suas redes sociais um post atacando também o veículo de comunicação onde a jornalista atua<sup>5</sup>. As publicações foram repercutidas pelos apoiadores dos parlamentares, ampliando a dimensão dos ataques.

<sup>5</sup> Disponível em <https://abraji.org.br/noticias/abraji-condena-ataques-on-line-contr-jornalista-de-aos-fatos>. Acessado em 02 de outubro de 2020.

No Relatório da Fenaj, em 35 ocorrências (29,17%) os profissionais não foram identificados ou a violência foi contra equipes, em que os nomes dos jornalistas não foram divulgados, o que não permitiu a classificação por gênero.

**Gráfico 3 – números de violência por gênero**



Fonte: tabulado pela autora a partir dos dados coletados do relatório da violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil – Fenaj 2019

A tentativa de desacreditar a jornalista e o veículo de comunicação incluiu uma série de publicações ofensivas misóginas, obscenas e de cunho preconceituoso. Segundo a Abraji, o espaço mais utilizado para ataques a jornalistas e veículos de comunicação são as redes sociais com campanhas odiosas orquestradas, inclusive por parlamentares, e considera mais grave quando autoridades reproduzem alegações difamatórias, que buscam fragilizar e intimidar jornalistas mulheres.

Em 2019, os casos de censura explícita voltaram a acontecer. Ao todo, foram dez registros em nível nacional, a maioria ocorreu na região Sudeste. Pelo menos 16 profissionais de veículos diversos foram impedidos de continuar suas coberturas, além de cinco ocorrências de coibição à liberdade de imprensa por ações judiciais.

Em janeiro de 2020 foi editado o Decreto 9.960/2019, alterando a implementação da Lei de Acesso a Informações Públicas de forma a habilitar mais agentes públicos a classificar documentos no mais alto grau de sigilo, de caráter ultrassecreto com validade de até 50 anos. Houve uma derrota no Congresso Nacional após pressão da sociedade civil. O Decreto foi revogado, no entanto, a propensão ao sigilo se mantém na presidência.

O governo passou a interferir diretamente na produção jornalística, impondo censura a temas, como por exemplo a proibição de se referir ao regime militar no Brasil

---

como ditadura, além de unificar a TV Brasil<sup>6</sup> com a TV NBr<sup>7</sup>.

### Ataque às emissoras de televisão

Os ataques à TV Globo aumentaram proporcionalmente à curva ascendente de audiência da emissora durante a cobertura da pandemia causada pelo novo coronavírus em 2020<sup>8</sup>. O movimento AntiGlobo se fortaleceu nas redes sociais com críticas e manifestações usando a *hashtag*<sup>9</sup> #GloboLixo. O discurso dos manifestantes parece ser derivado do presidente Jair Bolsonaro, que considera TV Globo sua "inimiga" na mídia<sup>10</sup>. Os protestos contra a emissora não acontecem apenas na internet. Há quem se manifeste diante das câmeras da emissora.

Durante uma reportagem da TV Globo ao vivo no dia 10 de abril de 2020, o repórter Renato Petters foi atacado quando fazia uma cobertura jornalística pelo telejornal SP1, de notícias regionais paulista (Figura 2). Uma mulher invadiu a transmissão e tirou o microfone da mão do profissional, em seguida ela gritou “A Globo é um lixo. O Bolsonaro tem razão”. A transmissão foi interrompida. No estúdio, o apresentador César Tralli se desculpou pelo ocorrido. Em uma outra edição do telejornal SPTV, do dia 14 de abril de 2020, a repórter Mariana Aldana mostrava a aglomeração em frente a uma agência da Caixa Econômica Federal, na capital paulista quando um grupo de homens gritou “Globo lixo”. (Figura 3)

---

<sup>6</sup> canal público mantido pela Empresa Brasil de Comunicação que, à princípio, é regimentado para fomento à construção da cidadania e à participação da sociedade; garantia da expressão da diversidade social, cultural, regional e étnica. A partir de 2019, passou a ser gerenciada pelo governo federal que define a produção, programação e veiculação de conteúdos. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/556015-entidades-consideram-ilegal-fusao-da-tv-brasil-com-a-nbr/>. Acesso em 1º de outubro de 2020.

<sup>7</sup> canal estatal do governo federal, que em abril de 2019 teve junção oficializada com programação da TV Brasil. Tinha a missão de oferecer aos telespectadores informações sobre as políticas públicas, as ações do Poder Executivo e os principais eventos realizados pelos ministérios e outros órgãos do governo. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/556015-entidades-consideram-ilegal-fusao-da-tv-brasil-com-a-nbr/>. Acesso em 1º de outubro de 2020.

<sup>8</sup> Disponível em <https://observatoriodatv.uol.com.br/audiencia-da-tv/cobertura-especial-sobre-o-coronavirus-eleva-audiencia-da-globo-nesta-terca-feira>. Acessado em 02 de outubro de 2020.

<sup>9</sup> É um termo associado a tópicos que podem ser pesquisados em redes sociais, inserindo o símbolo do “jogo da velha” (#) antes da palavra, frase ou expressão. A *hashtag* permite que todas as publicações em redes sociais que usem uma mesma *hashtag* possam ser facilmente encontradas.

<sup>10</sup> Disponível em <https://revistaforum.com.br/politica/bolsonaro-corta-60-da-verba-publicitaria-da-globo-e-tcu-identifica-falta-de-criterio/>. Acesso em 1º de outubro de 2020.



Figura 2 e 3 – repórteres atacados por apoiadores de Bolsonaro

Fontes: <https://catracalivre.com.br/entretenimento/renato-peters-diz-nao-se-abalar-apos-ser-atacado-ao-vivo-na-globo/><sup>11</sup>

<https://audienciarioca.com.br/2020/04/14/de-novo-reporter-da-globo-volta-a-ser-atacada-em-entrada-ao-vivo/><sup>12</sup>

Outros casos noticiados sobre ataques a repórteres de TV envolvem a jornalista Clarissa Oliveira, da Band, em duas ocasiões distintas em que a profissional foi agredida publicamente. A primeira ocorreu em uma manifestação no dia 15 de março de 2020 quando se preparava para entrar ao vivo e foi ofendida por um grupo. A segunda agressão ocorreu em frente ao Palácio do Planalto, no dia 17 de maio de 2020, atingida com uma 'bandeirada' na cabeça, além de agressões verbais sendo chamada de 'jornalista lixo'. (Figura 4)



Figura 4 – Clarissa Oliveira

Fonte: <https://br.noticias.yahoo.com/reporter-band-agredida-apoiadora-bolsonaro-ato-brasilia-195647195.html><sup>13</sup>

Dos jornalistas que foram vítimas de agressões diretas, em 2019, 35 (28,23%) trabalham em televisão. Assim como os repórteres de rádio, os de TV foram os mais atacados no exercício da profissão por dois anos consecutivos. As agressões físicas variaram entre socos, tapas, chutes e pontapés. Mas houve situações em que os profissionais foram atingidos por pedras, bombas e tiros de bala de borracha, em

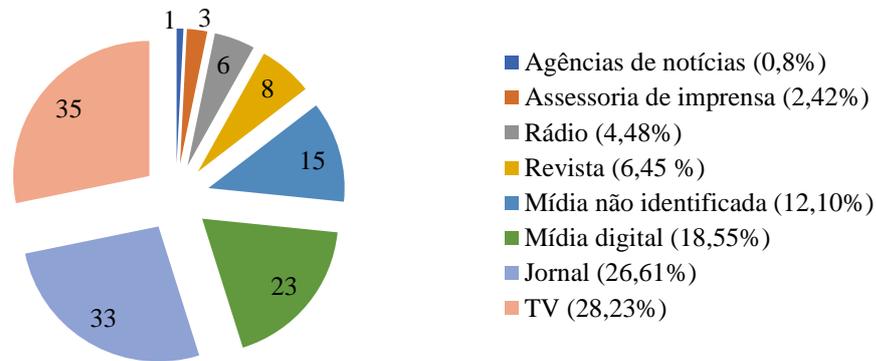
<sup>11</sup> Acesso em 1º de outubro de 2020.

<sup>12</sup> Acesso em 1º de outubro de 2020.

<sup>13</sup> Acesso em 1º de outubro de 2020.

algumas coberturas jornalísticas. As agressões verbais acompanharam as físicas, com xingamentos e insultos, como representados no gráfico que relaciona a violência por tipo de mídia.

**Gráfico 3 – números de violência por mídia em 2019**



Fonte: tabulado pela autora a partir dos dados coletados do relatório da violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil – Fenaj 2019

Os jornalistas de TV, conforme Paternostro (1999, p. 72) expressa são os profissionais mais visados por trabalharem assinando e expondo a própria identidade durante o exercício da profissão. Isto porque atuam diariamente com a responsabilidade do “casamento” entre áudio e imagem no cumprimento das pautas, duas das principais características do veículo TV. Não há como fazer matéria para televisão, sem compreender os fundamentos das técnicas de redação jornalística, entre elas a construção de um texto escrito para ser falado. Bem como outras produções audiovisuais para internet. Desse modo, o jornalista de TV dependendo da linha editorial e desdobramento das pautas, corre riscos de vida relacionados à segurança. Outro aspecto a ser analisado refere-se ao prejuízo material, quando os equipamentos dos profissionais são danificados por agressores.

De acordo com Rogério Christofolletti (2018, p. 4),

o jornalismo é uma atividade de alta exposição. Para obter informações necessárias para seus relatos cotidianos, jornalistas transitam por zonas e situações de confronto, lidam com personagens perigosos e ficam sujeitos a condições insalubres, exaustivas e estressantes. Jornalistas exploram a lógica adversarial de pessoas e grupos poderosos e, muitas vezes, ficam na linha tiro que as separa. A exposição pública e o contato com ameaças diversas tornam a profissão tão fascinante quanto arriscada.

Em contexto político-eleitoral, no ano de 2018, a Abraji registrou 150 casos de violações contra jornalistas. A organização sindical analisou os casos em dois eixos principais. O primeiro com exposição de informações pessoais e/ou imagens de jornalistas, associadas à desinformação com discursos estratégicos, a fim de distorcer os fatos para confundir o público. O segundo estimulando a prática de assédio direcionada a jornalistas e veículos de comunicação – com a intenção de provocar, ofender e causar a redução da credibilidade do jornalismo.

Durante uma cobertura de manifestação em Curitiba, o repórter cinematográfico Robson Silva, da afiliada da TV Record (RICTV), se preparava para fazer uma transmissão ao vivo quando foi atacado por um homem com bandeira do Brasil, a fim de agredi-lo e derrubar o equipamento. (Figura 5)



Figura 5 – A agressão ao cinegrafista foi registrada

Fonte: <https://ricmais.com.br/noticias/cinegrafista-ric-record-tv-agredido-manifestante-sede-pf/><sup>14</sup>

Em ataque a veículo de comunicação, o presidente Jair Bolsonaro, no segundo semestre de 2019, ameaçou cancelar a concessão de radiodifusão da TV Globo, embora o mandato de renovação de concessões de radiodifusão no Brasil não seja do Executivo federal, e sim do Congresso Nacional. Este ato, segundo o Conselho Nacional do Ministério Público é considerado um atentado à liberdade de imprensa.<sup>15</sup>

### **Impunidade em casos de violência contra jornalistas e veículos de comunicação**

A partir do Relatório Liberdade de Imprensa no Brasil, publicado em

<sup>14</sup> Acesso em 1º de outubro de 2020.

<sup>15</sup> Disponível em <https://www.cnmp.mp.br/portal/todas-as-noticias/12112-cnmp-celebracao-liberdade-de-imprensa>. Acessado em 2 de outubro de 2020.

---

novembro de 2019, pelo Conselho de Comunicação Social do Congresso Nacional, a conselheira Patrícia Blanco contextualiza que a Constituição assegura a todo brasileiro o direito à liberdade de se expressar

de acordo com a sua vontade, pensamentos e convicções, sem ser agredido ou rejeitado, nem vítima de perseguição. Isso significa que a todos é concedido o direito de participar ativamente do pluralismo de ideias para o bom funcionamento da democracia e do pleno exercício da soberania social. Em um ambiente sadio de desenvolvimento e progresso, é impossível incorporar o conceito de controle da informação ou de censura. Se há controle, há esvaziamento da liberdade. O exercício da crítica termina em si mesmo, caracterizando-se pela não comunicação e pela não circulação da informação (CONGRESSO NACIONAL, 2019).

Ironicamente, agressões incentivadas pelo comportamento e discurso do presidente Jair Bolsonaro, assim como os ataques aos meios de comunicação, as teorias conspiratórias e comportamento ofensivo fomentam um clima de hostilidade e perseguição à imprensa, servem de exemplo e estímulo ao comportamento criminoso de seus apoiadores. Os militantes favoráveis ao governo foram às ruas com objetivo de intimidar os profissionais de imprensa, quando o próprio governo federal definiu o jornalismo como atividade essencial durante a pandemia.

A violência contra profissionais do jornalismo, um problema grave presente no mundo inteiro, é uma delas. Mesmo em regimes democráticos, onde as liberdades de expressão e de imprensa são garantidas, há ocorrências de diversos tipos de agressões contra jornalistas e outros profissionais da comunicação, incluindo homicídios (CONGRESSO NACIONAL, 2019).

O estudo “Violência Contra Comunicadores no Brasil” realizado pelo Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) e publicado em abril de 2019 mapeou 64 casos de comunicadores assassinados no país entre 1995 e 2018, dos quais 43 desde 2010.

Casos como do fotojornalista Sérgio Silva, que perdeu a visão do olho esquerdo em 2013, atingido por uma bala de borracha disparada por um policial militar, teve pedidos de indenização negados e foi revitimizado pelo Judiciário em três ocasiões. Desde então, a justiça julga o ocorrido responsabilizando o próprio fotógrafo, que teria "se colocado em situação de risco" e na "linha de tiro" ao atuar na cobertura de uma

manifestação. O processo judicial passou por outras instâncias até ser encaminhado ao Supremo Tribunal Federal, para um novo julgamento.

Em 2020, o Brasil ocupa a 107ª posição entre 180 países na Classificação Mundial da Liberdade de Imprensa, elaborado anualmente pela organização Repórteres sem Fronteiras (RSF)<sup>16</sup> e se destaca na nona posição entre os países no Índice Global de Impunidade em casos de assassinatos de jornalistas, de acordo com o relatório do Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ)<sup>17</sup>, publicado em novembro de 2019.

Em tentativa de cercear a liberdade de imprensa do jornal O Diário da Encosta da Serra, o município de Nova Petrópolis (RS), requisitou em liminar ao Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul que o veículo de comunicação não publicasse novas matérias após publicações de reportagens que apontavam irregularidades em licitações e superfaturamento de orçamentos. Investigações foram levantadas e a prefeitura reagiu com o pedido de censura prévia.

### **Considerações finais**

Diversas entidades de classes e humanitárias monitoram ataques e casos de violência contra jornalistas e veículos de comunicação. Os relatórios, notas e publicações de ataques à imprensa são parâmetros para composição de um cenário de impunidades, cerceamentos e impedimentos que ameaçam o livre e pleno exercício jornalístico, e que se desdobram em prejuízos à democracia. Mapear os atentados à vida e à integridade física dos profissionais da imprensa é fundamental para mensurar o livre exercício da profissão.

Vale notar que o risco não é quantificável, já que ele é mais circunstância e contexto, e não ocorrência. [...] Esses ataques objetivam interceptar, monitorar, extraviar, degradar, deteriorar, inutilizar, destruir ou divulgar sem autorização trechos de informação, identidades, localidades e outros dados sensíveis que podem contribuir para riscos físicos ou danos morais e materiais (CHRISTOFOLETTI, 2018, p. 4),

Historicamente, os governos anteriores já apresentavam casos de ataques à imprensa: censura, impedimento do exercício profissional e ameaças aos veículos de

<sup>16</sup> Divulgado em <https://rsf.org/pt/classificacao%20>. Acessado em 1º de outubro de 2020.

<sup>17</sup> Divulgado em <https://cpj.org/pt/2019/10/a-impunidade-global-em-homicidios-de-jornalistas-c/>. Acessado em 1º de outubro de 2020.

---

comunicação. O que difere para os dias atuais é um fenômeno extramidiático que pode ser aqui denominado de terceirização da repressão, isto é, as agressões não se originam somente das autoridades governantes, no entanto da própria população.

## Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO. **Violações à Liberdade de Expressão**. Relatório Anual. Brasília, 2020.

BENJAMIN, Walter. **Para uma crítica da violência**. In: BENJAMIN, W. Escritos sobre mito e linguagem. Tradução de Ernani Chaves. Organização de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Editora 34; Duas Cidades, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; TORRES, Ricardo T. **Jornalistas expostos e vulneráveis: ataques digitais como modalidade de risco profissional**. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 25, n. 3, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2018.

CONGRESSO NACIONAL. Conselho de Comunicação Social. **Relatório Liberdade de Imprensa**. Brasília, 2019.

CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. **Violência contra Comunicadores no Brasil: um retrato da apuração nos últimos 20 anos**. Relatório. Brasília, 2019.

COSTA, Lailton da. Gêneros jornalísticos. In: ASSIS, Francisco de; MARQUES DE MELO, José (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Metodista, 2010.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **A violência contra jornalistas e ataques à Liberdade de Imprensa no Brasil**. Relatório 2019. Brasília, 2020.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na tv: Manual de Telejornalismo**. 5ª tiragem. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

SOBRINHO, J. C. **Só é jornalista aquele que tem responsabilidade ao escrever**. Consultor Jurídico. Publicado em 17 de fevereiro de 2007. Acessado em 28 de setembro de 2020. Disponível em: [https://www.conjur.com.br/2007-fev-17/jornalista\\_aquele\\_responsabilidade\\_escrever](https://www.conjur.com.br/2007-fev-17/jornalista_aquele_responsabilidade_escrever)